



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a 3ª Reunião de Presidentes da América do Sul, por ocasião do anúncio da Rodovia Interoceânica

Cuzco-Peru, 08 de dezembro de 2004

Jornalista: (incompreensível) o ...a direção do...

Presidente: Pergunta boa...

Jornalista: ...a direção do PMDB decidiu, agora há pouco, dar um prazo de 48 horas para que todos deixem o governo. Foi uma decisão que foi definida agora há pouco. Queria que o senhor dissesse... o que o senhor tem a dizer aos ouvintes?

Presidente: Veja, eu só tenho a dizer o que eu já disse, tanto na reunião dos senadores quanto na reunião dos deputados: que jamais o PMDB ouvirá, da minha boca, qualquer discurso que não respeite a autonomia dos partidos políticos. O PMDB é um partido que pode decidir estar no governo, pode decidir não estar no governo, pode decidir ter candidatura própria, pode decidir não ter. É uma decisão do partido, que eu respeito e que eu não me meto. O que eu acho que é importante é ter claro que se o PMDB decidir não participar do governo – por maioria, no seu diretório ou na sua convenção –, nós vamos respeitar e vamos estabelecer acordos pontuais, em cima de projetos. Eu acho que nós temos que respeitar a autonomia dos partidos políticos. Não cabe ao presidente da República, e muito menos ao partido a que pertence o presidente da República ficar fazendo ingerência para que tal partido tome tal posição. Vamos deixar que os partidos ajam do jeito que quiserem agir, e na medida em que o governo precisar votar alguma coisa importante no Congresso Nacional,



vai negociar, como é de hábito na democracia mundial.

Jornalista: A governabilidade pode seguir firme sem o PMDB, Presidente?

Jornalista: O senhor vai ter que antecipar a reforma ministerial, mesmo, Presidente?

Jornalista: (incompreensível) quem vai atrasar...

Jornalista: ...se os ministros tiverem que deixar o cargo em 48 horas?

Presidente: Veja, primeiro, nada será feito precipitado. Se o ministro deixar o cargo, qualquer que seja ele, e se for do PMDB, a pedido do PMDB, com a mesma tranquilidade com que eu sempre tratei alguma substituição, eu vou tratar. Eu penso que nós temos que ter claro o seguinte: o Brasil entra num ano pré-eleitoral. Cabe ao presidente da República não permitir que as eleições permeiem a sua atuação no ano de 2005, porque a oposição tem o direito de querer que a eleição seja antecipada e o governo tem a obrigação de governar porque foi para isso que nós fomos eleitos. Eu tenho um compromisso com o Brasil, a situação do país está melhor, vocês são testemunhas disso. Ainda falta muita coisa para ser feita. O ano que vem é um ano que a gente pode denominar o ano do desenvolvimento econômico do Brasil. Estão todas as obras de infraestrutura previstas, marcadas, algumas para serem licitadas, outras já dando ordem de serviço. Eu penso que esse vai ser o meu papel no ano que vem. Não estou preocupado com reforma ministerial, não estou preocupado com eleição de 2006. Eu estou preocupado em fazer com que o Brasil dê esse passo extraordinário para ter um ciclo de crescimento durável, sustentável, e que seja uma coisa que possa gerar riqueza para distribuir para o povo.



Jornalista: Presidente, a governabilidade pode seguir firme sem o PMDB, Presidente?

Presidente: Pode, pode. Não será o Brasil, que já deu demonstrações de sobra... Eu lembro que quando nós estávamos discutindo o *impeachment* de um presidente, diziam: “Acabou a governabilidade”. Entrou o Itamar Franco e o Brasil foi governado com a mesma sobriedade porque as pessoas têm responsabilidade. Então, nós temos tido exemplos concretos. Nós temos disputa no Congresso Nacional, mas o Congresso Nacional, historicamente, sempre agiu com responsabilidade, e as coisas de interesse nacional o Congresso tem votado com o governo e vai continuar votando. Senão nós não teríamos aprovado a reforma tributária, a reforma previdenciária, nós não teríamos aprovado a Lei do Desarmamento, não teríamos aprovado a reforma do Poder Judiciário, a Lei de Falências. Coisas extremamente importantes que outros tentaram fazer há tantos e tantos anos e não conseguiram, nós conseguimos, e eu acho que vamos conseguir porque o diálogo continua, independentemente de qualquer coisa.

Jornalista: O senhor não vai insistir mais com o PMDB, então. O senhor disse que precisava do PMDB para governar. O senhor não vai insistir mais?

Presidente: Veja, eu preciso, na verdade, do Congresso Nacional, e eu já tive uma reunião com a direção do PMDB, já tive uma reunião com a bancada de deputados, com a bancada de senadores, já ouvi a exposição deles, eles já ouviram a minha. Agora, a autonomia do partido é intocável. Os partidos têm que ter liberdade para decidir o que querem.

Jornalista: Presidente, faltaram, aqui nesta reunião, três dos quatro



presidentes do Mercosul. O senhor, claro, é o Presidente que veio, do Mercosul. O senhor não acha meio estranho essa ausência? Não enfraquece? Como é que o senhor vê o entrosamento, com essas ausências?

Presidente: Possivelmente, tenham feito a mesma pergunta, por que é que eu não fui a São José, na Costa Rica, e eu não fui...

Jornalista: Mas o senhor, no seu discurso, o senhor disse que viajará quantas vezes (incompreensível).

Presidente: Veja, viajarei, mas quando...

Jornalista: Não é (incompreensível)?

Presidente: Não, quando não puder eu não viajo. Veja, eu não tenho... Quando eu não puder... Veja, eu não posso...

Jornalista: (incompreensível) só vai a reuniões que considera importantes.

Presidente: ... eu não posso, eu não posso avaliar por que um presidente não veio. Seria presunção da minha parte adivinhar ou duvidar das explicações que os representantes dos países deram. Eu espero que quando o Celso Amorim comunicar, em uma reunião, que eu não vou estar presente, que as pessoas não duvidem da palavra do Celso Amorim.

Jornalista: Frustra o senhor (incompreensível)

Presidente: Não, não, não frustra.



Jornalista: ...presidente Kirchner, pela segunda vez, numa reunião?

Presidente: Não frustra, não frustra. O Kirchner tem viajado muito menos. Não é nem a primeira e nem a segunda. Tem várias viagens que o Kirchner não pode ir. Ele alega os problemas dele e eu acho que eu tenho que respeitar. Agora, o dado concreto é que nós estamos dando um passo excepcional. Há uma consciência muito forte da necessidade de integração, e tudo começa assim. A Europa começou 30 anos atrás e hoje está consolidada. Nós estamos começando agora. Os países estão percebendo que se nós nos ajudarmos mutuamente, a chance de nós progredirmos é muito maior.

Jornalista: Tem muita trombada ainda, Presidente?

Presidente: É possível que tenha porque é um processo de exercício constante da democracia, de adversidades internas, mas nós temos que vencer essa barreira. Você pensa que foi fácil, depois de Alemanha e França fazerem a Segunda Guerra Mundial, se matando, agora serem os dois países mais importantes na integração da União Europeia? Isso custou tempo, palavras, reuniões, discursos, documentos, paciência, e é isso que nós temos que ter. Nós perdemos um século esquecendo de nós mesmos, vamos recuperar esse século agora, vamos trabalhar muito. Pode ser daqui a um ano, dez anos, 15 anos, mas eu acho que é inevitável a integração da América do Sul fisicamente, politicamente e culturalmente.

Jornalista: Presidente, o senhor...

Presidente: Um de cada vez.

Jornalista: O senhor já tem uma posição... como o senhor avalia o pedido da



Argentina, de salvaguardas?

Presidente: Veja, eu acho que nós não estamos em nenhum... com nenhuma vontade de criar qualquer problema na nossa relação com a Argentina. O Brasil tem que ter sempre em mente o seguinte: o Brasil é o país que tem a maior economia da América do Sul, o Brasil é o país que tem a maior economia do Mercosul, o Brasil é o país que tem o parque industrial mais consolidado. Portanto, o Brasil tem que ter mais paciência, mais generosidade, e não permitir que um problema qualquer de um setor econômico cause problema na relação entre duas nações. O que nós temos é que encontrar mecanismos de equilíbrio no nosso comércio. E vocês sabem o seguinte: o que não falta em mim é paciência para resolver esses problemas.

Jornalista: Uma última pergunta (incompreensível).

Presidente: No momento certo, no momento certo vocês vão saber, nós vamos tomar a decisão.

Jornalista: Mas o senhor vai (incompreensível)?

Jornalista: (incompreensível) reunião econômica (incompreensível)?

Presidente: Quando eu tomar a decisão, quando eu tomar a decisão, aí nós vamos comunicar à imprensa, porque nós temos interesse que vocês divulguem a nossa decisão sobre (incompreensível).

Jornalista: O senhor vai continuar apoiando o Renan Calheiros para a Presidência do Senado, Presidente?



Jornalista: (incompreensível) na área social no Brasil. Quando o senhor acha que vai chegar isso, Presidente?

Presidente: Eu acho que já está mais do que percebido. Se não for percebida a geração de quase 2 milhões de empregos em 11 meses; se não for percebido 6,5 milhões de pessoas participando do programa Fome Zero; se não percebida a aprovação do Estatuto do Idoso, que estava há 14 anos parada no Congresso Nacional; se não for percebido o crescimento econômico de um PIB de 5,3%, quando todos os especialistas imaginavam que a gente não ia crescer mais que 3%, eu não sei quando é que vai perceber. Obviamente, obviamente que todo processo de decréscimo de uma economia e de crescimento de uma economia, ele começa a decrescer hoje e o resultado aparece daqui a um tempo, ele começa a crescer hoje e o resultado aparece daqui a um tempo. O dado concreto é o seguinte, o dado concreto é o seguinte, se vocês olharem na minha fisionomia, vocês vão perceber o seguinte. Eu tenho todas as razões do mundo para estar muito otimista, alegre, feliz, dizendo para vocês: 2005 será o ano do desenvolvimento brasileiro, em que as coisas vão acontecer com muito mais fluidez, com muito mais rapidez, com muito mais tranquilidade. A economia vai continuar crescendo, os empregos vão continuar aparecendo, a infraestrutura vai continuar aparecendo. Nós vamos ter que recuperar coisas que não foram feitas durante muitos anos. Só para vocês terem ideia, nós já vamos ter que recuperar 11 portos para dar vazão ao crescimento das nossas exportações, nós vamos ter que recuperar gargalos de ferrovias que estavam paralisadas há anos, e vamos fazer isso em parceria com a iniciativa privada, vamos fazer isso com dinheiro público, vamos fazer isso captando recursos onde tiver. O dado concreto é o seguinte: o Brasil, o Brasil levantou a cabeça, o Brasil vai crescer, vai se desenvolver e vai gerar os empregos necessários para o país.



Jornalista: (incompreensível) governo de coalizão (incompreensível), Presidente?

Jornalista: Tem governo de coalizão? O senhor vai conseguir fazer isso?

Presidente: Veja, eu pretendo voltar para o Brasil, pretendo saber a decisão do PMDB. Tem muita gente dentro do PMDB que quer conversar. Vocês sabem que no PMDB tem gente que pensa que é corintiano, tem gente que é palmeirense, tem gente que é são-paulino, tem gente que é flamenguista, tem gente que torce para o Santos. Nós vamos resolver isso, não tem problema.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, não.

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Obrigada, Presidente.